

CAPÍTULO I

Era um dia cinzento e frio de fins de Novembro.

O tempo tinha mudado durante a noite, quando o vento do mar arrastou consigo um céu de granito e chuva miudinha; e conquanto agora passassem poucos minutos das duas da tarde, a palidez do crepúsculo parecia ter descido sobre as colinas, envolvendo-as em neblina. Por aquele andar, às quatro seria escuro. O ar era humildemente frio e, apesar das janelas bem fechadas, penetrava na carruagem. O couro dos bancos achava-se pegajoso da humidade, e devia haver uma minúscula frincha no tecto, porque, de vez em quando, infiltravam-se pequenas gotas de chuva que alastravam nos estofos e produziam uma marca azul-escura, como uma mancha de tinta. O vento soprava em rajadas fortes que chegavam a sacudir a carruagem, quando percorria uma curva da estrada, e, nos locais expostos das terras elevadas, fazia-o com tanta intensidade que o veículo estremecia e oscilava, balouçando nas rodas altas como um homem embriagado.

O cocheiro, envolto numa capa até às orelhas, quase se dobrava no banco, numa leve tentativa para se proteger dos seus próprios ombros, enquanto os desalentados cavalos avançavam resignadamente às ordens dele, demasiado abalados pelo vento e chuva para se aperceberem do chicote que estalava ocasionalmente sobre as suas cabeças, brandido pelos dedos entorpecidos do cocheiro.

As rodas da carruagem rangiam e gemiam, ao mesmo tempo que se afundavam nos sulcos da estrada, e, por vezes, faziam a lama

salpicar as janelas, onde se misturava com a chuva persistente, pelo que qualquer vista da paisagem era inevitavelmente obscurecida.

Os poucos passageiros encolhiam-se próximos uns dos outros, em busca de algum calor, e soltavam exclamações em unísono quando a carruagem enveredava por um sulco mais profundo. Um indivíduo idoso, que não parava de protestar desde que embarcara em Truro, ergueu-se, enfurecido, para soltar o fecho da janela e baixar esta ruidosamente, permitindo a entrada da chuva, que o alagou e aos companheiros de viagem. Em seguida, mergulhou a cabeça na abertura e gritou ao cocheiro, para lhe chamar patife e assassino e profetizar que estariam todos mortos antes de chegarem a Bodmin, se persistisse em manter a velocidade alucinada, pois já não lhes restava o menor alento nos corpos e nenhum poder do mundo o obrigaria a aventurar-se de novo em semelhante meio de transporte.

É difícil de dizer se o alvo dos impropérios ouviu ou não. Na realidade, parecia mais provável que a torrente de acusações e ameaças tivesse sido levada pelo vento, porque o passageiro, depois de aguardar um momento, tornou a fazer subir a janela, após arrefecer intensamente o interior da carruagem, para voltar a instalar-se no seu canto, aconchegar a manta em torno dos joelhos e passar a resmungar para a sua barba.

A mulher de rosto rubicundo jovial e capa azul sentada a seu lado emitiu um pesado suspiro de compreensão e, com um piscar de olho a quem estivesse a observá-la e uma inclinação de cabeça na direcção do velho, referiu, pelo menos pela vigésima vez, que se tratava da noite mais tenebrosa de que se recordava em toda a sua vida, apesar de ter conhecido muitas, e chegara de facto o mau tempo, agora impossível de confundir com o Verão, e, mergulhando a mão num volumoso cesto, retirou-a com uma grande fatia de bolo, que não perdeu tempo em introduzir entre os dentes brancos e aparentemente ávidos de trincar alguma coisa.

Mary Yellan sentava-se no canto oposto, onde deslizava a água da chuva que penetrava pela frincha do tecto. Às vezes, uma ou outra gota tombava-lhe no ombro e ela apressava-se a sacudi-la com dedos impacientes.

Conservava o queixo apoiado nas mãos, com os olhos fixos na janela salpicada de lama e chuva, esperançada, com uma espécie de interesse desesperado, em que um raio de luz perfurasse o espesso cobertor do céu e ao menos uma sugestão momentânea do perdido firmamento azul que pairara em Helford na véspera brotasse por um instante, como um precursor de boa sorte.

Embora estivesse apenas a sessenta quilômetros por estrada daquilo que constituía o seu lar durante vinte e três anos, a esperança existente no seu coração já quase se extinguiu, e a coragem indômita, que habitava nela em doses apreciáveis e lhe permitira manter-se com firmeza durante a longa agonia da doença e morte da mãe, achava-se abalada pelas primeiras chuvadas e vento enervante.

A região era-lhe estranha, o que representava uma contrariedade de monta. Ao espreitar pela janela embaciada da carruagem, contemplava um mundo diferente do que conhecera a apenas um dia de viagem. Quão remotas e ocultas, porventura para sempre, eram agora as águas brilhantes do Helford, as colinas e vales declivosos verdejantes, o branco aglomerado das casas ribeirinhas. A chuva que caía em Helford era suave, uma chuva que gotejava das numerosas árvores e se perdia na vegetação luxuriante, acumulava em regatos que desaguavam no amplo rio e se afundavam no solo agradecido, o qual, como contrapartida, retribuía com flores.

Esta, porém, era uma chuva persistente, impiedosa, que fustigava as janelas da carruagem e empapava um terreno duro e estéril. Aqui, não havia árvores, salvo uma ou duas que estendiam ramos desnudos aos quatro ventos, curvados e torcidos por séculos de tempestades, e tinham sido tão enegrecidos pelo tempo e fúria dos elementos que, mesmo que a Primavera visitasse o local, nenhum rebento ousaria aflorar, com receio de que a geada o matasse. Era uma terra mirrada, sem arbustos nem ramos; uma região de pedras, urze negra e giestas atrofiadas.

Nunca haveria uma estação do ano benigna em semelhantes paragens, na opinião de Mary — apenas Inverno rigoroso, como naquele dia, ou o calor seco e abrasador dos píncaros do Verão, sem a existência de um vale para proporcionar sombra ou refúgio,

somente relva que adquiria um aspecto amarelo-acastanhado antes de Maio chegar ao fim. A região tornara-se cinzenta com a intempérie. As próprias pessoas na estrada e nas povoações mudavam de harmonia com o ambiente circundante. Em Helston, onde ela embarcara na primeira carruagem e pisara solo familiar, pairavam incontáveis recordações da infância: as deslocações semanais ao mercado com o pai, nos dias extintos do passado, e, quando ele lhes fora arrancado do convívio, a perseverança com que a mãe se manteve firme na sua missão, para se entregar a uma azáfama constante, Inverno e Verão, como o marido fizera, com as suas galinhas, ovos e manteiga na retaguarda da carroça, enquanto Mary se sentava a seu lado, apertando nos braços um cesto quase do seu tamanho, com a cabeça pousada na pega. Os habitantes de Helston eram cordiais; o nome dos Yellan desfrutava de popularidade e respeito na vila, porquanto a viúva travara luta árdua contra a vida, quando perdera o marido, e não havia muitas mulheres que tivessem permanecido sós como ela, com uma filha e a herdade para cuidar, sem jamais considerar sequer a possibilidade de viver com outro homem. Havia um agricultor em Manaccan que lhe teria proposto casamento, se se atrevesse, e outro a montante do rio, em Gweek, porém ambos leram na expressão dela que nunca assentiria, pois continuava a pertencer de corpo e alma ao homem que partira deste mundo. Foi a actividade esgotante da quinta que acabou por vencê-la, porque não regateava esforços e, embora habituada a exigir o máximo das suas energias ao longo dos dezassete anos de viuvez, não resistiu à tensão quando surgiu o último teste, e o coração traiu-a finalmente.

A pouco e pouco, os animais que possuía foram desaparecendo, e como os tempos estavam maus, segundo lhe repetiam em Helston, e os preços haviam sofrido um decréscimo em flecha, o dinheiro escasseava. A fome não tardaria a visitar todas as herdades. Mais tarde, a doença invadiu os campos e dizimou o gado nas povoações em torno de Helford. Ninguém sabia atribuir-lhe um nome, e tornava-se impossível descobrir a cura. Era um flagelo que atacava e destruía tudo, como uma geada inesperada fora da época, surgia com a lua nova e depois partia, sem deixar rasto da sua passagem além da esteira de coisas mortas. Foi um período de ansie-

dade e esgotamento para Mary Yellan e a mãe. Uma a uma, viram adoecer e morrer as aves de capoeira que tinham criado, enquanto o jovem bezerro tombava no prado onde pastava. O facto mais penoso consistiu no caso da velha égua, que prestara serviço aos Yellan durante vinte anos e em cima de cujo dorso largo e firme Mary distendera as pernas pela primeira vez, ainda criança: morreu no estábulo, certa manhã, com a fiel cabeça pousada no regaço da dona. Quando foi aberta a cova para ela, sob a macieira do pomar, a enterraram e compreenderam que não voltaria a levá-las ao mercado de Helston, a mãe de Mary murmurou:

— Um pedaço de mim foi sepultado com a pobre *Nell*, minha filha. Não sei se se trata da minha fé ou o quê, mas sinto o coração cansado e não posso continuar a labutar.

Entrou em casa, sentou-se na cozinha, branca como um lençol, parecendo que envelhecera dez anos. Apática, encolheu os ombros quando Mary disse que ia chamar o médico.

— É demasiado tarde. Dezassete anos demasiado tarde.

E começou a chorar em silêncio, apesar de até então nunca ter derramado uma lágrima.

A rapariga foi buscar o médico que vivia em Mawgan e a trouxera ao mundo, e, quando a acompanhava na sua carruagem, meneou a cabeça e declarou:

— Vou explicar-te o que se passa, Mary. A tua mãe não poupou a mente nem o corpo desde que o teu pai morreu e acabou por ceder ao esforço constante. Não estou a gostar disto. Apareceu em má altura.

Prosseguiram ao longo do caminho sinuoso de acesso à casa da quinta, no alto da povoação, até que uma vizinha se aproximou da cancela, ansiosa por transmitir más notícias.

— A tua mãe piorou, Mary. Há pouco, apareceu à porta, de olhos arregalados como se tivesse visto um fantasma e a tremer como varas verdes, e caiu. Acudiram-lhe Mrs. Hoblyn e Will Searle, que a levantaram e levaram para dentro, coitada. Dizem que não abre os olhos.

O médico desviou com firmeza o pequeno grupo de curiosos que se formara diante da porta e, ajudado por Searle, ergueu o corpo inerte do chão, a fim de o levar para o quarto, no piso superior.

— É uma apoplexia, mas respira e o pulso bate com firmeza — anunciou, após o exame preliminar. — Era isto que eu mais receava: que sucumbisse repentinamente. Porque aconteceu agora, depois de tantos anos, só Deus e ela o sabem. Deves provar de quem és filha, Mary, e ajudá-la neste transe difícil. Apenas tu o podes fazer.

Durante mais de seis meses, a rapariga cuidou da mãe na sua primeira e última enfermidade, mas, apesar de todas as atenções que ela e o médico lhe proporcionaram, não revelou a menor vontade de se recompor. Perdera o desejo de lutar pela vida.